



MAR DO MEIO

MAR DO MEIO

TEXTO E FOTOGRAFIAS Santiago Macias

DESIGN GRÁFICO TVM Designers

TRADUÇÃO Badr Hassanein

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO Textype

EDIÇÃO Câmara Municipal de Mértola, Mértola, 2009

TIRAGEM 500 exemplares

ISBN 978-972-9375-31-6

DEPÓSITO LEGAL 293 466/09

FOTOGRAFIA DA CAPA (LÍNGUA PORTUGUESA): Marrakech, Marrocos, 2001

FOTOGRAFIA DA CAPA (LÍNGUA ÁRABE): Argel, Argélia, 2004

Festival Islâmico de Mértola /2009

EDIÇÃO APOIADA POR:



Durante muitos séculos a história do mar do meio foi a história do mundo. O mar era o centro do mundo. O mar tinha barcos e homens. E, dizem, monstros e sereias. Dos monstros e das sereias há muito que ninguém ouve falar. Os homens tomaram conta do mar e das suas margens. Uma densa trama de caminhos em breve percorreu as águas e a terra firme. Depois o comércio deu um sopro de vida aos caminhos do mar. Metais e pedras ornamentais, as madeiras, os tecidos luxuosos e os perfumes do Levante fizeram com que aldeias outrora incógnitas prosperassem e passassem a ser cidades. Naquela baía antes deserta nasceu Tânger; no estuário de pescadores onde só havia pescadores ergueu-se o esplendor de Alexandria. As cidades tornaram-se metrópoles populosas e cada vez mais ricas. Mármore e pórfiros e dioritos criaram a eternidade das formas e aos poucos encheram as praças urbanas. Por toda a parte se viam as imagens dos deuses e de homens semelhantes a deuses. Durante muitos séculos a magnificência e o luxo honraram-nos e construíram-lhes templos, ergueram muralhas, igrejas, mesquitas e sinagogas.

Isso foi há muito tempo. O centro do mundo afastou-se, entretanto, do mar do meio. Procuramos as cidades e não as encontramos. Perdemos-nos, porque os seus nomes mudaram. Somos conduzidos, sem bússola nem agulha de marear, de sítio em sítio, à procura de uma história e de um tempo que já não existem. Não sabemos que terra é esta. Nunca estivemos neste porto. É-nos estranho o perfil abrupto da ilha onde acabamos de chegar. Tacteamos mapas antigos, procuramos abrigo junto de Avieno e de al-Idrisi. Os caminhos e as cidades de outrora permanecem, ainda assim, solitários e secretos.

Mas a vida continua a passar por ali. A vida vai além, ao colo do rapazito que brinca numa rua perdida da cidade na margem sul do mar do meio. Está nos gestos lentos do homem que fuma narguilé na noite do Cairo. Acompanha o passo do homem que, absorto, percorre as arcadas de Florença. A vida passa mansamente por entre o bulício dos mercados, entra no nevoeiro denso dos banhos, corre nas vozes que ouvimos nos terraços de Halfaouine e de Mar Girgis. Nas margens do mar do meio o ritmo da vida é tão antigo como o mar ele mesmo. As quatro estações do ano conhecem ainda uma sequência sem alterações. Os hábitos de vida são ainda quase iguais, mas a cada ano que passa talvez um pouco menos. A carroça feérica de flores de papel em muitas cores que, à força de mula, dá voltas e mais voltas à esquina da rua Umar al-Mukhtar, em Tripoli, é a mesma, a mesmíssima, em que, há muitos anos, fui à romaria lá para os lados do Malagon, em Paymogo. As tradições morrem com lentidão mas de vez, e já ninguém se lembra que o califa al-Mustansir foi fatalmente colhido ao lidar um touro, numa noite cálida de Marrakech... As placas tectónicas separam-se, o sul e o norte também.

O Mediterrâneo é um mar de gente e uma babel de ruas. O mar do meio é uma babel de casas e um dédalo de vozes. As cidades em volta do mar, cheias de vozes e de gente, são brancas. O branco das paredes reflecte-se nos lenços e na timidez das mulheres. São cidades discretas e, às vezes, mesmo um pouco tristes. Em muitas delas não há turistas, porque os turistas não gostam de cidades belas mas um pouco tristes e porque os turistas querem quase sempre um pouco mais que a bruma que envolve as baías e os portos do mar ao entardecer. As cidades do Mediterrâneo estão entregues

a si, à sua história, aos milhares de anos sedimentados no subsolo, aos muros que se esfarelam. São belas assim, de ar colonial já sem colonos, com as paredes brancas e as persianas azuis, com o seu ar um pouco triste e com a bruma e as ruas que assomam ao longo dos portos.

As cidades do mar são feitas de ruas estreitas e misteriosas, sem luz, de casas sem idade e onde o tempo não corre. Quando nelas entramos resistimos a voltar para o mundo, talvez por causa das fontes que correm todo o tempo nos centros dos pátios das casas, com a água a esgueirar-se por entre azulejos azuis. Talvez por causa da quietude e do silêncio. Talvez por causa do perfume da pele das mulheres do mar do meio. Às casas das cidades só chegam os sons distantes do mundo. Mas os pátios, os das casas, os das mesquitas e os dos mercados, são, afinal, o centro do mundo e é à volta deles que belas mulheres rodopiam, envoltas em túnicas e em perfumes. As mulheres dos pátios de Halfaouine e de Chefchaouen rescendem a rosas. E a lírios, também.

Sem o saberem, os arredores das cidades guardam memórias de um mundo antigo. Ouçamos a cadência sempre igual dos alcatruzes das noras, onde “a água cantava / a sua *copla* plebeia”. Deixemo-nos ir pelos jardins do mar do meio, aqueles onde a rama das oliveiras se mistura com o perfume das laranjeiras, dos damasqueiros e das romãzeiras. Os jardins estão fechados nos seus muros e são percorridos por fios de água bem ordenados. Os hibiscos e a sombra das figueiras fazem parte desses labirintos com que se pretendia imitar os jardins do Paraíso, que tinham rios e aves que nunca ninguém viu. Fora das cidades do mar está esse mundo de calor e de sol e de sombra, de calor e de luz e de sombra.

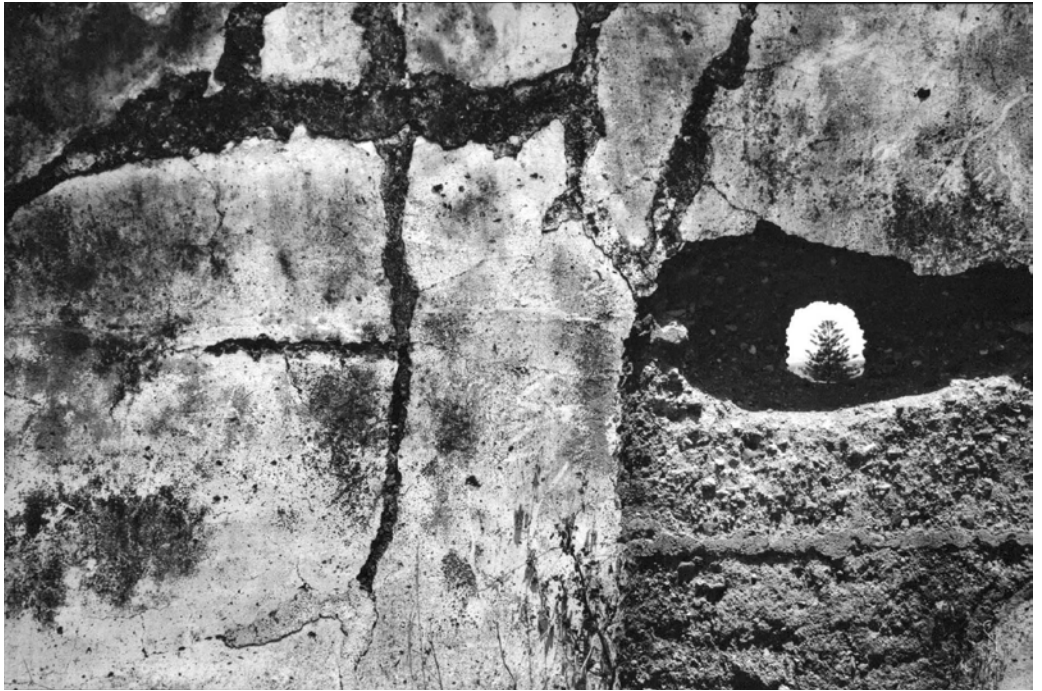
O Mediterrâneo acaba onde deixamos de ver as oliveiras e as figueiras. É uma verdade antiga e bem conhecida. Os caminhos do mar estenderam-se para além dessa verdade. Os caminhos seguiram os passos da cegonha preta e dos cucos. Tomaram o exemplo da incansável gaivina ártica. Levados pelo *harmattan*, o terrível vento do deserto, foram para lá do grande mar de areia e chegaram até ao coração negro da Terra, onde a pele do mar do meio escurece pouco a pouco. Mais para sul, já não há muros brancos do catálogo típico das ruas do mar do meio. São cidades onde não chegaram os ecos do mundo antigo e não há arqueologia para ver, nem monumentos de um passado remoto para visitar. Entre as águas do Níger e a terra de tom pardacento ficam os ecos do Mediterrâneo, que um dia chegaram até Gao e até Tombuctu. Por lá ficaram presos aos muros das mesquitas e à placidez dos que não cuidam do passado porque também lhe foge o futuro.

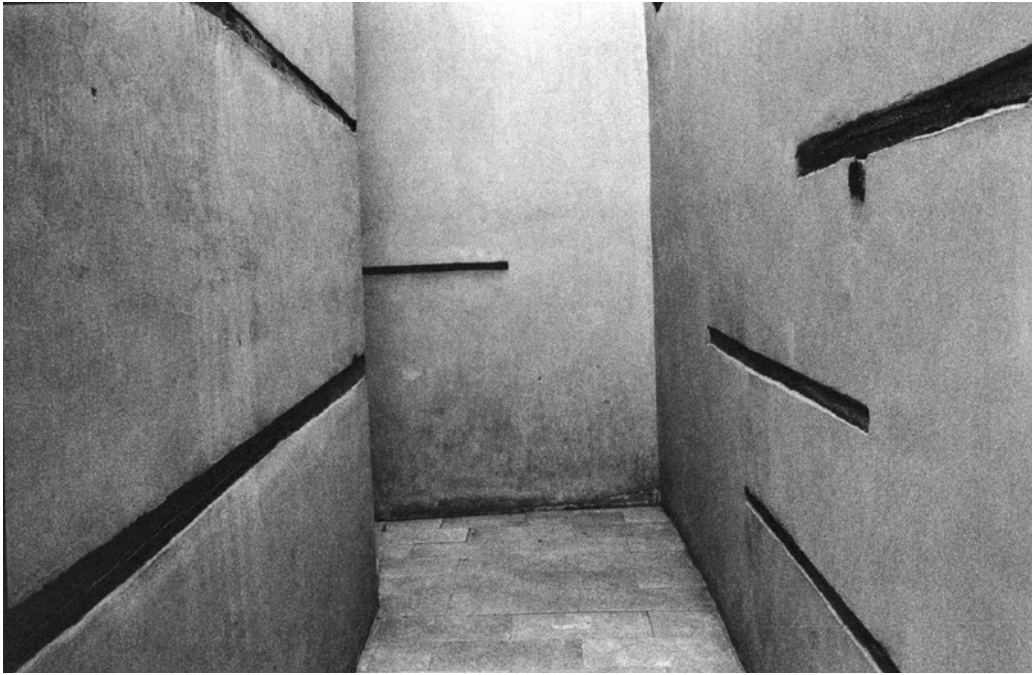
As maravilhas de Tombuctu pereceram, por entre o peso da decadência, e as cúpulas douradas de que falavam os viajantes parecem um delírio saído das raízes do sonho. Os relatos dos aventureiros são a nossa máquina do tempo. Regressemos, então, à orla do mar do meio. Admiremos, por debaixo dos séculos, as metrópoles que outrora foram e que não voltarão ser. A melhor altura para retroceder na História é nesses fins do dia em que os turistas já partiram e apenas o vento se ouve nos canaviais. É assim em Leptis Magna, onde o porto se esconde lá longe e onde o sítio de entrada dos navios é agora uma praia na qual mal se percebe a barra. Corramos até lá, sob um sol furioso, e onde apenas as cobras, que cruzam ao longe o caminho, dão sinal de vida. É assim em Típassa, onde o Mediterrâneo já bate nos muros das casas. Desaparecido o cais, o mar

venceu a terra e começa a haver cada vez mais água e cada vez menos cidade. Passemos a basílica de Alexandre, até ao sítio onde Camus contemplava o Jebel Chenoua. Paremos aí, porque aquilo que a ele inspirava é para nós invisível. É assim em Tróia, por entre rio e mar, no meio daquilo que resta da cidade de outrora. Detenhamo-nos junto ao Atlântico e tentemos descortinar uma parte do que desapareceu e que está algures sob as ondas. É assim em Cartago, onde a cidade antiga já quase desapareceu no meio dos quarteirões de vivendas espantosas. A memória de uma Roma a sul já quase não passa de memória e lixeiras suburbanas ocultam os vestígios dos primeiros tempos da Cristandade.

É assim em todas as cidades esquecidas do mar do meio. O esplendor da decadência é mais visível onde Roma passou. A decadência do poder é sempre mais esplendorosa do que qualquer outra. Amontoam-se por toda a parte, com a ordem do caos, milhares de colunas e capitéis, frisos, entablamentos, mármore, calcários. Não há museu onde caibam, não há museu que os queira. Os arqueólogos escolhem as matérias com a melancolia de quem percorre uma ementa demasiado longa. O resto fica de fora, e as cidades esquecidas mergulham todos os dias um pouco mais no olvido. Para lá dos teatros, dos hipódromos e da magnificência do poder estão vidas esquecidas que nunca desvendaremos e que nunca ninguém conhecerá ou quererá conhecer.

A história do Mediterrâneo ainda está a ser escrita e há-de ser lida um dia.











باندیاغارا ، مالی | 2008 | BANDIAGARA, MALI



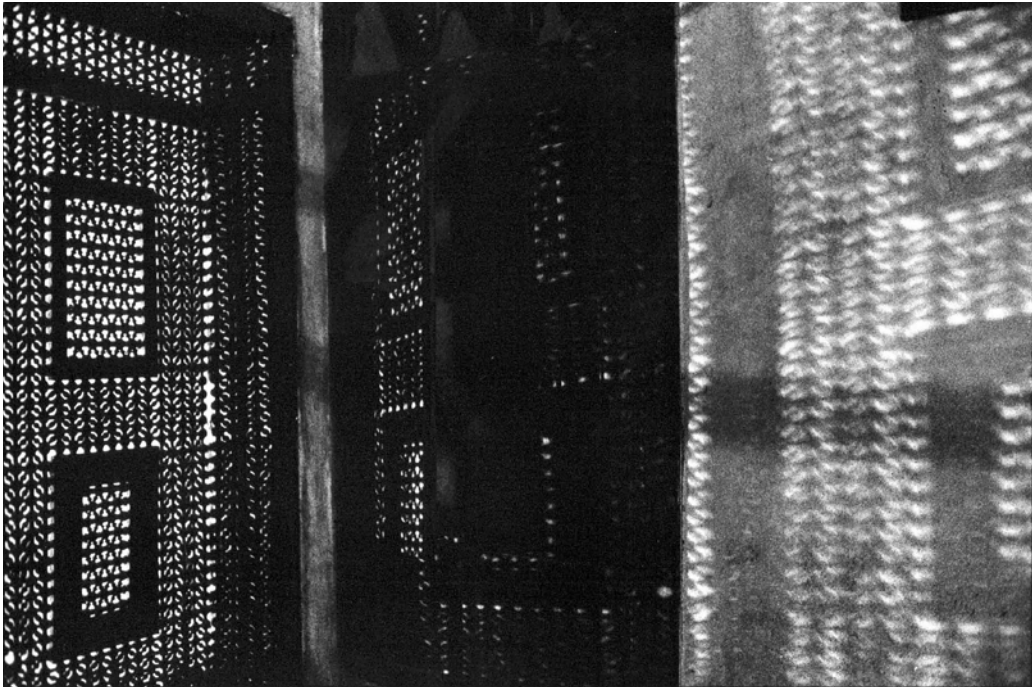


حيدرة ، تونس | 2002 | HAÏDRA, TUNISIA





قصر الحاج ، ليبيا | 2008 | QASR EL-HAJJ, LÍBIA







AS-SROUJE, SÍRIA | 2003

السروج ، سوريا

LEPTIS MAGNA, LÍBIA | 2008

لبدة الكبرى ، ليبيا

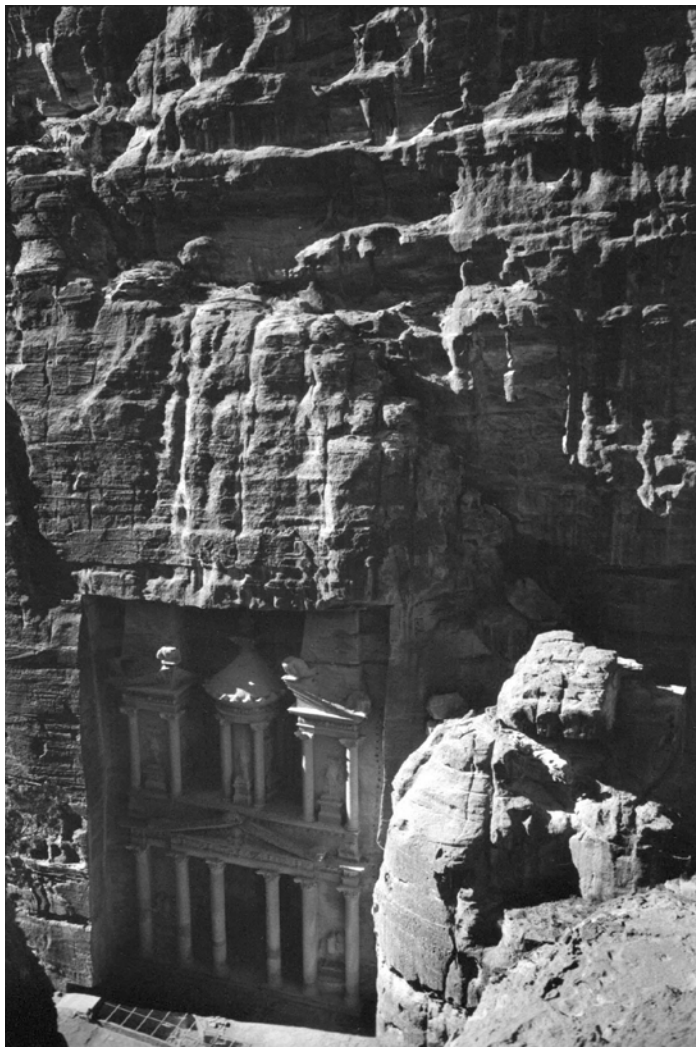




سوهايلا ، تونس | 2002 | SOUALA, TUNISIA

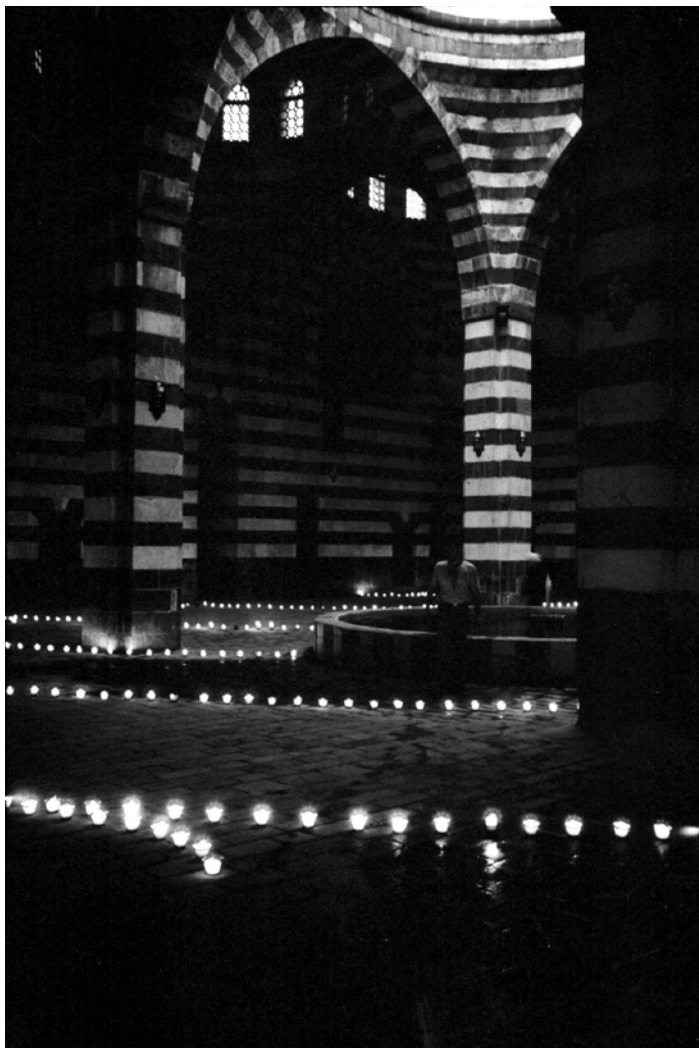


PIENZA, ITÁLIA | 2001 | بينزا ، ايطاليا



PETRA, JORDÂNIA | 2006

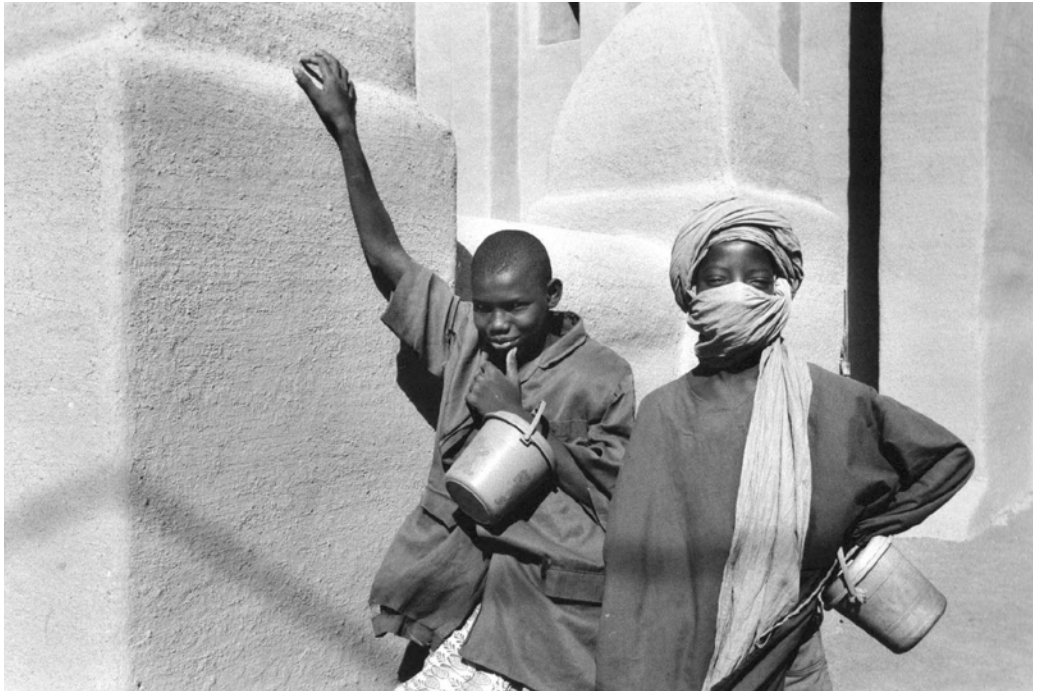
بترا ، الأردن



DAMASCO, SÍRIA | 2003

دمشق ، سوريا





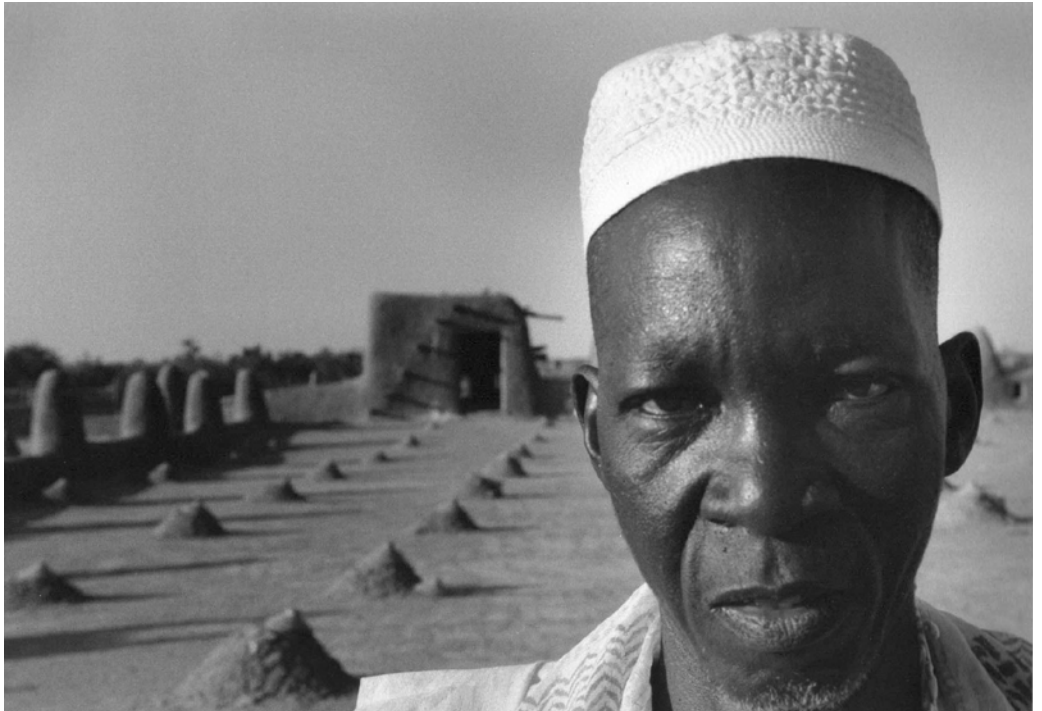


القاهرة ، مصر | 2006 | CAIRO, EGIPTO



برلين ، ألمانيا | 2003 | BERLIM, ALEMANHA



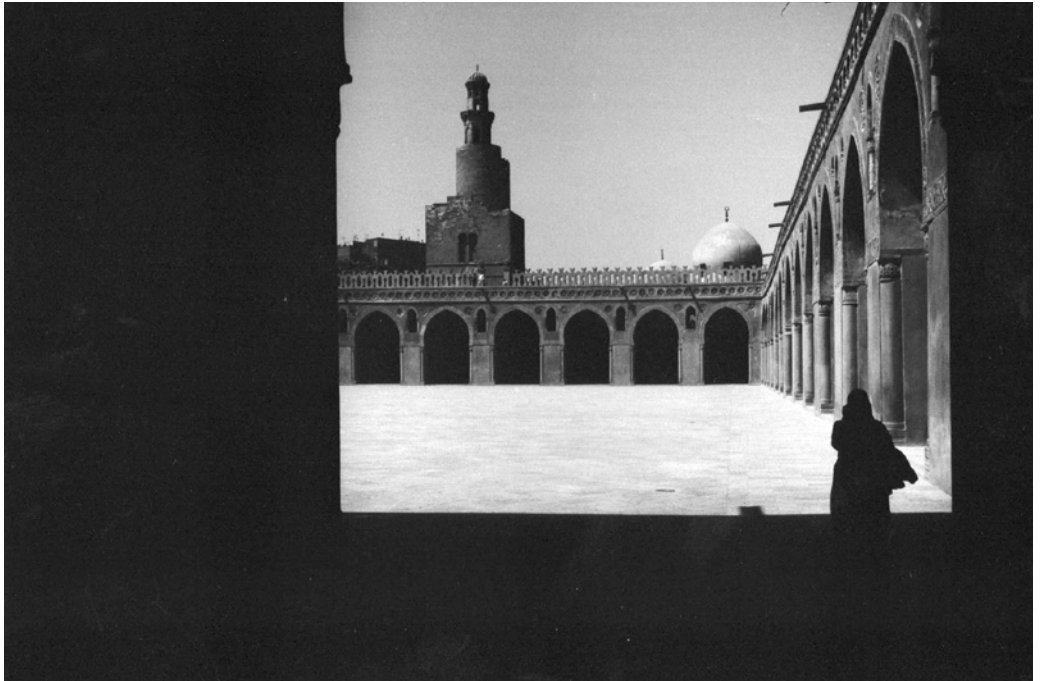


دجنه ، مالي | 2008 | DJENNE, MALI

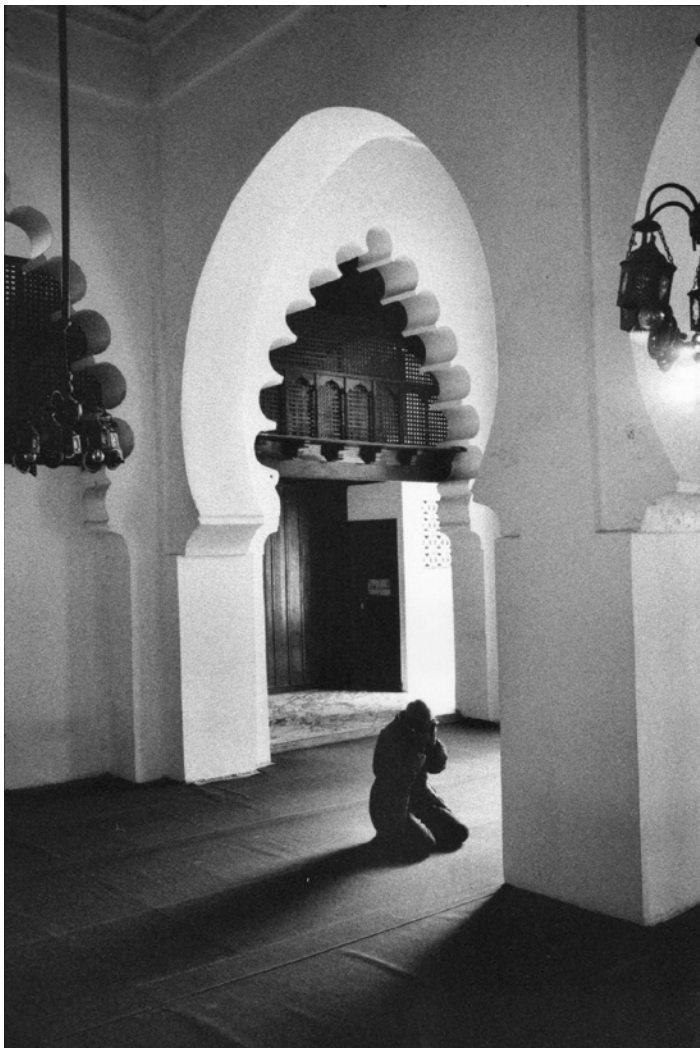






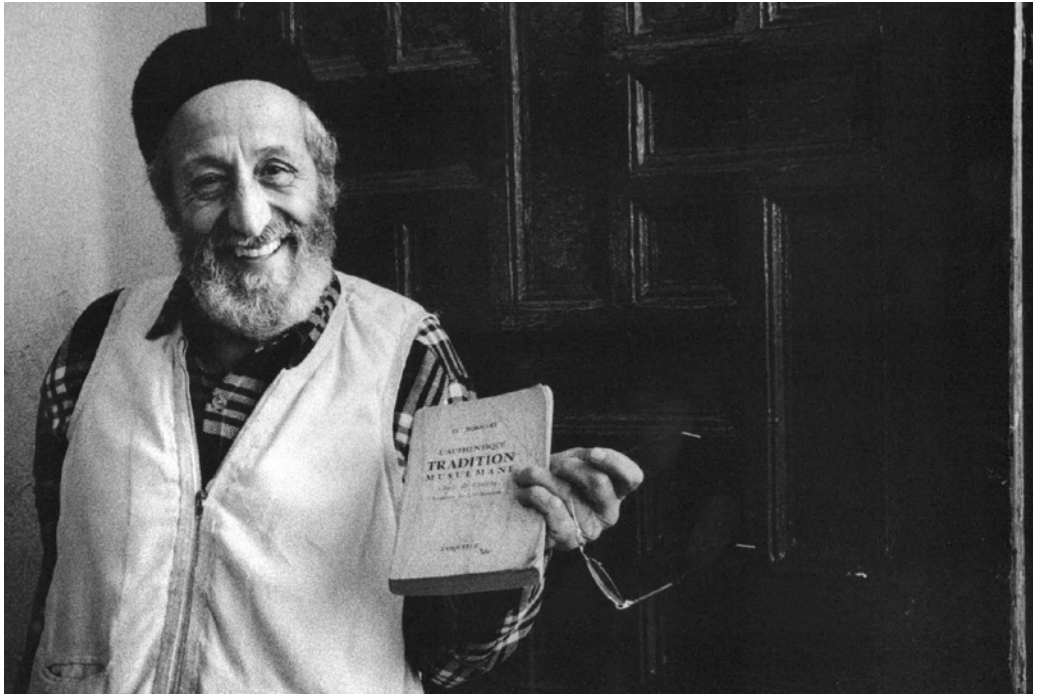


CAIRO, EGIPTO | 2006 | القاهرة ، مصر



ARGEL, ARGÉLIA, 2004

مدينة الجزائر ، جمهورية الجزائر



مدينة الجزائر ، جمهورية الجزائر | ARGEL, ARGÉLIA, 2004

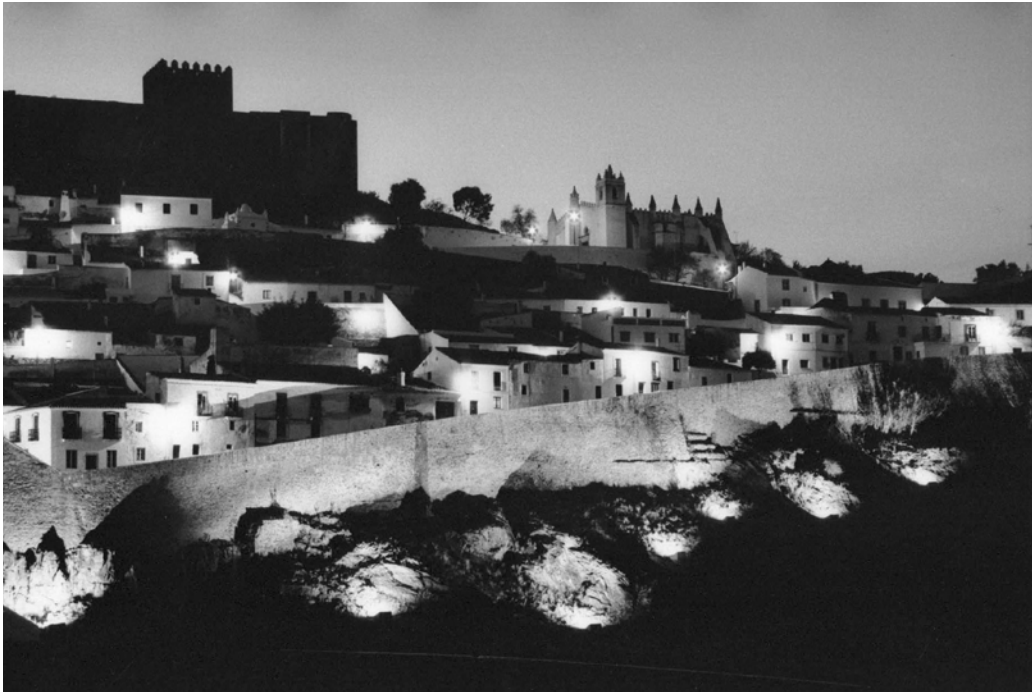


SIDI BOU SAID, TUNÍSIA | 2007

سیدی بو سعید ، تونس



مارتلة ، البرتغال | 2000 | MÉRTOLA, PORTUGAL



الحياة، والأمر كذلك في تيباسا حيث يطرق البحر المتوسط جدران المنازل، بعد أن اختفى رصيف الميناء تغلب البحر على اليابسة وتتسع تدريجياً مساحة المياه وتتراجع رقعة المدينة. لنمر إذن بجانب كنيسة الإسكندر المستطيلة ونصل إلى المكان الذي كان فيه كامبي يتأمل جبل شنوة. لنتوقف هناك لأن ما كان يلهمه لا نستطيع نحن رؤيته ، وهكذا أيضاً في تورويبا بين النهر والبحر ووسط ما تبقى من المدينة التي كانت سابقاً هناك، لنقف بجوار الأطلسي ولنحاول إزاحة الستار عن جزء مما اختفى والذي لا يزال في مكان ما تحت الأمواج. وفي قرطاج حيث المدينة القديمة قد اختفت تقريباً وسط التجمعات من القلل اللافتة للأنظار وذكرى روما في الجنوب التي لا تعدو مجرد ذكرى و مقابل قمامة في الضواحي تُخفي آثار العصور الأولى للمسيحية.

وهكذا في كافة المدن المنسية في بحر الوسط ، نجد بهاء التدهور ظاهراً حيث مرت روما ، ولاشك أن تدهور السلطة يكون دائماً أكثر بروزاً من أي تدهور آخر ، حيث تتراكم في كل مكان وفي حالة من الفوضى آلاف الأعمدة ورؤوسها والإفريز والرخام وأحجار الكالكارى ولا يوجد متحف يسعها أو متحف يرغب في اقتنائها. يكون اختيار الأثريين للأشياء بشجن من ينقل بصره بين قائمة طعام طويلة للغاية ، ويظل الباقي في الخارج ، وتغوص المدن المنسية في النسيان كل يوم أكثر فأكثر، وإلى ما وراء المسارح وحلقات السباق وعظمة السلطة توجد حيوات منسية لن نستطيع سبر أغوارها ولن نستطيع أى إنسان معرفتها أو حتى الرغبة في معرفتها. لا زال تاريخ المتوسط يُكتب ولا بد أن يُقرأ يوماً ما.

ينتهي البحر المتوسط عندما تتلاشى أمام أعيننا أشجار الزيتون والتين ، وهذه حقيقة قديمة لا يجهلها أحدٌ ، غير أن مسالك البحر امتدت إلى ما وراء هذه الحقيقة حيث تعقبت خطوات طائر اللقلاق الأسود و الوقواق وحذت حذو طائر السنونو الشمالي الذي لا يكل ، وامتدت ، تحملها رياح هارمستان الصحراوية المخيفة ، إلى ما وراء البحر الشاسع من الرمال ووصلت إلى القلب الأسود للكرة الأرضية حيث تتحول بشرة بحر الوسط تدريجيا إلى اللون الداكن ، وكلما اتجهنا صوب الجنوب تتلاشى الجدران البيضاء المميزة التي يضمها كتالوج شوارع بحر الوسط ، ونجد أنفسنا أمام مدنٍ لم تصل إليها أصداء العالم القديم ، ولا توجد شواهد أثرية يمكن رؤيتها أو آثار من الماضي البعيد يمكن زيارتها ، وبين مياه نهر النيجر والأرض ذات اللون الرمادي تبقى أصداء البحر المتوسط التي بلغ مداها حتى غاو وتومبكتو ذات يوم و بقيتهنالك ملتصقة بجدران المساجد وحالة السكنية لأولئك الذين لا يعنهم الماضي لأن المستقبل فار من بين أيدهم كذلك.

اندثرت عجائب تومبكتو بين ثقل التدهور، وتبدو القباب المذهبة التي كان الرحالة يتحدثون عنها كالبطاح الخارج من جذور الحلم، وتشكل روايات المغامرين آلة الزمن بالنسبة لنا. فلنعد إذن إلى جبهة بحر الوسط ، ولنُعجَب بالمدن الرئيسية التي كانت ولن تعود كما كانت عليه فى السابق. وربما كان افضل وقت للرجوع إلى الوراء في التاريخ هو في تلك اللحظات الأخيرة من النهار بعد رحيل السائحين وحيث لم يعد يُسمع هناك سوى صوت الريح في مزارع الخيزران ، وهذا ما يحدث في مدينة لبدة الكبرى حيث يختفي المرفأ هناك بعيداً وحيث أفسح مكان دخول السفن المجال لشاطئ يكاد المرء لا يدرك مدخل الميناء فيه ، فلنجرى إلى هناك تحت لهيب شمس غاضبة ، وحيث الأفاعي فقط التي تقطع الطريق من بعيد تمثل إشارة على وجود

كما أنهم دائمو التطلع إلى ما هو أكثر من السديم الذي يحيط بالخلجان والموائى عند الغروب ، إن مدن البحر المتوسط متروكة لذاتها ولتاريخها ولآلاف السنين المترسبة تحت التربة وجدرائها المفتتة. إنها جميلة هكذا بهيئتها المستعمرة بدون مستعمرين وحوائطها البيضاء وستائر نوافذها ذات اللون الأزرق ومظهرها الحزين بعض الشيني و السديم والطرق التي تبدو ظاهرة على امتداد الموائى.

مدن البحر مؤلفة من شوارع ضيقة، غامضة، بدون ضياء ومنازل لا عمر لها ، قد توقفت حركة الزمن فيها ، وعندما ندخلها نقاوم العودة إلى العالم وربما كان ذلك بسبب النافورات التي تجرى مياهها طوال الوقت وسط باحات المنازل حيث تنساب المياه من خلال قطع الزليج ذي اللون الأزرق ، وربما كان سبب ذلك أيضا هو حالة الهدوء والصمت أو عطر بشرة نساء بحر الوسط ، ولا تصل إلى منازل المدينة سوى أصداء قادمة من العالم ، لكن الباحات، باحات المنازل والمساجد والأسواق هي في النهاية مركز العالم وحولها تدور نساءً جميلات غارقات في جلابيبهن وعطورهن. ومن نساء باحات الحلقاوين وشاوين تفوح رائحة الورد والسوسن أيضا.

تحتفظ ضواحي المدن، وهي لا تدرى، بذكريات عالمٍ قديم فنحن نسمع دوما الإيقاع المتشابه لقواديس الناعورة حيث "كان الماء يشدو بأغنيته العامية"، ولنترك أنفسنا نذهب إلى حدائق بحر الوسط حيث تختلط أغصان الزيتون برحيق أشجار البرتقال والمشمش والرمان، والحدائق مغلقة داخل أسوارها، تتخللها قنوات مياه مرسومة بدقة وعناية، ويشكل الخُبْيُز وظلال أشجار التين جزءاً من هذه المتاهات التي كان يُراد بها تقليد بساتين الجنة ذات الأنهار والطيور التي لم يرها أحدٌ من قبل، وخارج مدن البحر يوجد هذا العالم من الحرارة والشمس والظل، من الحرارة والضياء والظل.

والمدن التي كانت قائمة في الماضي تظل وحيدة وسرية.

لكن الحياة تستمر في المرور من هناك و إلى ما وراء ذلك، يحملها على كتفيه ذلك الصبي الصغير الذي يلهو في شارعٍ مفقود بالمدينة المطلة على الشاطئ الجنوبي لبحر الوسط، وتستمر متواجدة في الحركات البطيئة للرجل الذي يدخن النارجيلة في ليل القاهرة ، و ترافق خطوات الرجل المستغرق في أفكاره وهو يجوب طرقات فلورنسا المقنطرة، وتمر الحياة برفقٍ بين ضجيج الأسواق وداخل الضباب الكثيف للحمامات ، وتجرى في الأصوات التي نسمعها فوق سطوح الحفلاوين ومار جرجس. وعلى ضفتي بحر الوسط يعتبر إيقاع الحياة قديماً قدام البحر ذاته ولا تزال فصول السنة الأربعة تشهد تعاقباً لم يطرأ عليه تغيير، وكذلك عادات الحياة لا زالت هي نفسها تقريبا ، ورغم ذلك فإن مستوى هذا التشابه من المحتمل أن يقل مع مرور كل عام ، والعربة البرّاقة ذات الزهور الورقية والألوان العديدة والتي تجرها البغال و تدور وتدور على ناصية شارع عمر المختار في طرابلس هي نفسها التي استقبلتها قبل سنوات بعيدة في سفري إلى ناحية مالاغون في بايمونغو، تموت التقاليد ببطء لكنها تفنى وللأبد ، ولم يعد أحد يتذكر أن الخليفة المستنصر لقي حتفه وهو يصارع ثوراً ذات ليلة من ليلال مراکش الحارة... لقد انفصلت الصفائح المكونة لقرشرة الأرض وانفصل الجنوب عن الشمال كذلك.

البحر المتوسط بحر من البشر وخليط متشابك من الشوارع وبحر الوسط محيط شاسع من المنازل و جلبة عارمة من الأصوات، وتتسم المدن المحيطة بالبحر ، المكتظة بالأصوات والناس، بلونها الأبيض المنعكس في أغطية رأس النساء وفى حيائهن ، إنها مدن متحفظة وفى بعض الأحيان يشوبها شيء من الحزن ، وفى كثيرٍ منها لا يوجد سائحون إذ لا تروق لهم المدن الجميلة والحزينة بعض الشيء،

كان تاريخ بحر الوسط على امتداد قرون عديدة هو تاريخ العالم ، فقد كان هذا البحر مركز العالم وكان لديه رجالٌ وسفنٌ كما كان له ، حسب قولهم ، وحوشه وحورياته الأسطورية ، ومنذ زمن بعيد انقطع الحديد عن الوحوش والحوريات الأسطورية عندما بسط الرجال هيمنتهم على البحر وشواطئه ، وجابت شبكةٌ عنكبوتية كثيفة من الطرق المياه واليابسة ، ثم جاءت التجارة لتمنح البحر ومسالكه نفحة من الحياة ، وبفضل المعادن وأحجار الزينة والأخشاب والمنسوجات الفاخرة وعطور الشرق ازدهرت قرى لم تكن معروفة آنذاك ، وتحولت إلى مدنٍ . وفى ذلك الخليج الصغير الذي كان قاحلا وُلدت طنجة ، وفى مصب الصيادين وحيث لم يكن يوجد سوى الصيادين بزغت عظمة الإسكندرية وتعزز رونقها ، وتحولت المدن إلى عواصم مكتظة بالسكان، ويزداد ثراؤها مع مرور الوقت ، ولقد حققت قطع الرخام والأحجار والصخور البركانية المتبلورة للخلود للأشكال وأصبحت تدرجياً تملأ الساحات العمرانية ، وفى كل مكان كانت تتراءى هناك صور الآلهة والرجال المشابهين للآلهة ، وخلال قرون عديدة مجد الترف والعظمة تلك الآلهة وأولئك الرجال فشُيدت لهم الأسوار والكنائس والمساجد والمعابد.

كان ذلك منذ زمن بعيد، حيث ابتعد مركز العالم عن بحر الوسط وأصبحنا نبحث عن المدن ولا نجدها وضللنا الطريق لأن أسماءها تغيرت ويتم اقتيادنا من مكان إلى آخر، بلا بوصلة أو آلة تعيننا على معرفة الاتجاه في البحر، بحثاً عن تاريخٍ لم يعد موجوداً وعن زمنٍ ولى، لا نعرف أي أرض هذه، ولم يسبق لنا قط التواجد في هذا الميناء، وغريبة بالنسبة لنا تلك السمات المفاجئة لهذه الجزيرة التي وصلنا إليها للتو. قمنا بتحسس خرائط قديمة بحثاً عن ملجأ عند افيونس والإدريسى إلا أن المسالك

بحر الوسط

النص والصور: سانتياغو ماسياش

تصميم الجرافيك: ت ف م ديزاينرز

ترجمة إلى اللغة العربية: بدر حسنين

التجهيز للطباعة والطباعة والتنضيب: تيكستايب

إصدار: المجلس البلدي لمدينة مارتلة، 2009م

عدد النسخ: 500 نسخة

ردمك:

رقم الإيداع:

صورة الغلاف (اللغة البرتغالية): مراكش ، المغرب

صورة الغلاف (اللغة العربية): مدينة الجزائر، جمهورية

الجزائر



COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRICA
ESPAÑA - ALGÉRIE
COOPERAZIONE TRANSFRONTALIERA



MERTOLA
CIVILIZAÇÃO

بحر الوسط

بحر الوسط

15